

BOM JESUS DO MONTE

GRATUITO

SEGUNDA-FEIRA
14 DE SETEMBRO
DE 2020

TRIMESTRAL - ANO I - N.º 00
DIRETOR: CÔNEGO JOÃO PAULO
COELHO ALVES

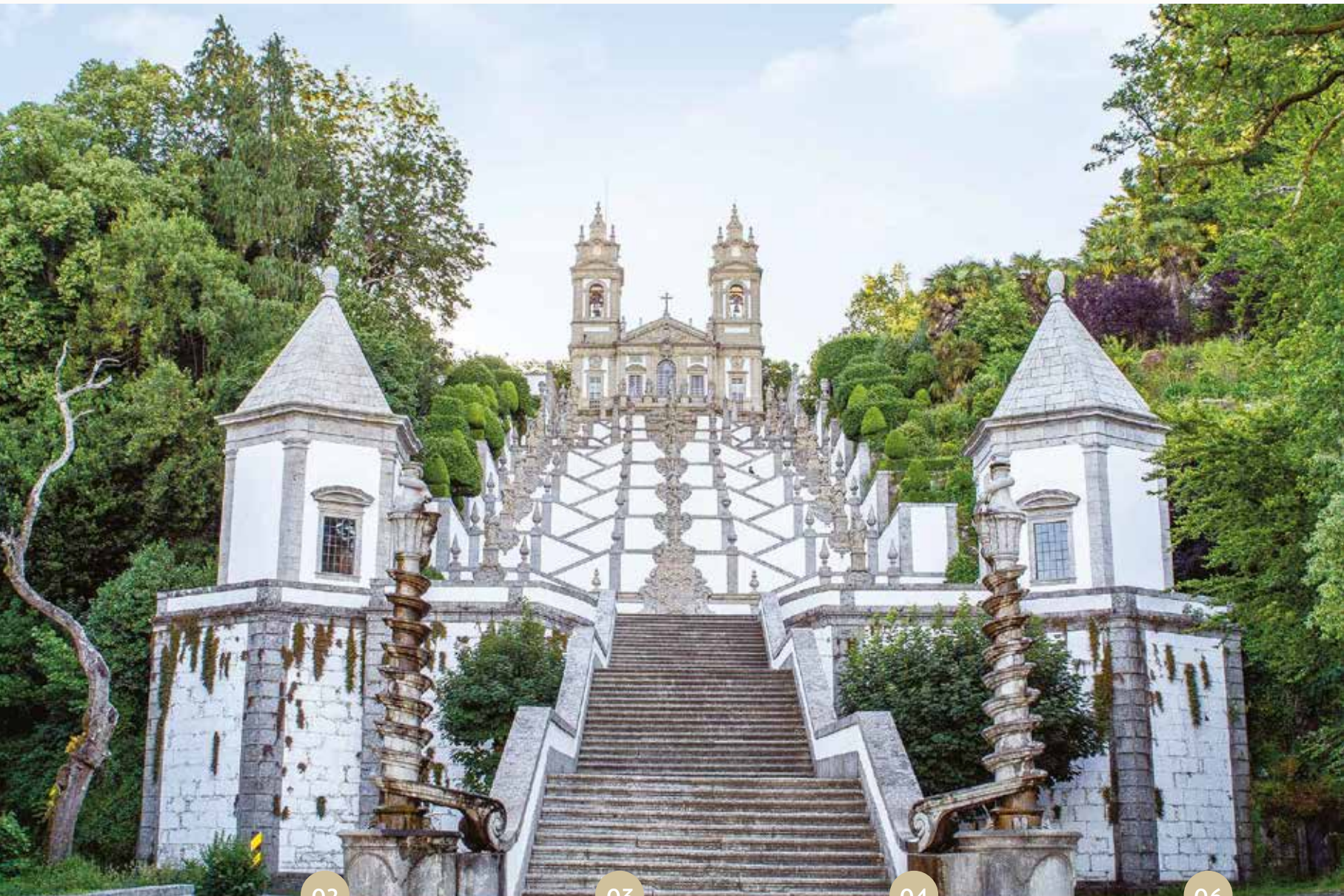


Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Santuário do Bom Jesus
do Monte em Braga
inscrito na Lista do
Património Mundial em 2019

PATRIMÓNIO MUNDIAL
DA HUMANIDADE



02



Editorial
Adelino Costa

03



Bom Jesus do Monte
Um Jornal, uma voz
D. Jorge Ortiga

04



Solenidade da exaltação
da Santa Cruz
João Paulo Coelho Alves

06



Corações ao alto!
Mário Martins Rodrigues



editorial

O Jornal do Bom Jesus aparece nesta data aureolado por um radioso horizonte de esperança. É a expressão do despertar de um sonho que a atual Mesa Administrativa da Confraria acalentava há já algum tempo. Lançado "on line" e com periodicidade trimestral a título experimental (possivelmente mais tarde também em formato de papel) ele pretende voar, levando ao longe e ao largo a mensagem nascida, cantada e esculpida na sinfonia do granito, já desde o século XIV, nesta encosta abençoada pela cruz do Redentor.

Num tempo de pandemia, com todas as exigências e limitações exigidas por organismos superiores e pelo bom senso, opta-se pela emissão em digital, não só por uma economia de custos, mas também para usufruir das novas tecnologias que o tornarão mais veloz e passível de ser lido "in time" por quantos conhecem, amam e virão a conhecer, escutar e amar o apelo do crucificado, aqui venerado com o apelido de "Bom". De braços abertos, abre o coração e interpela o mundo sensível com o convite sublime: "vinde a Mim todos vós que andais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei".

O "vinde a Mim" é apelo angustiado pelo desnorte de uma civilização demasiado consumista e oprimida pelas luzes da ribalta, as quais ofuscam os sentidos e fecham o coração aos caminhos que conduzem à paz, ao silêncio, à misericórdia e ao perdão. É apelo a um esforço de reencontro da pessoa humana com Aquele que já veio para os seus, e os seus não O receberam. Esquecido, por vezes, pelas tonterias das divagações terrenas, é um coração que sabe esperar porque é "manso e humilde". É o Bom Jesus do Monte.

O seu jornal também pretende ser convite, despertar, ser união e conhecimento e, sem dúvida, ser um contributo para a notícia, extensão e exaltação da elevação do Santuário a Património Mundial da Unesco. Não se trata da mera particularização de uma devoção à imagem milagrosa, mas, para além disso, da sublimação da alma que tornou possível o milagre existente nesta colina sobranceira à cidade bracarense. Daqui irradiam eflúvios convidativos à espiritualidade, a peregrinações e visitas, a actividades lúdicas de descanso e lazer, inalando o ar puro e tonificante da sua mata, mas, também, de descoberta de tesouros legados por tantos cavouqueiros que foram e são perpetuados em cada pedra, em cada escultura e imagem, em cada fonte e, porque não, em cada jato de água que refresca a memória e dessedenta os que têm sede de conhecimento.

A simplicidade da publicação fará germinar uma semente que pretende ser árvore frondosa. Tudo começa na simples ânsia de querer ser vida. O contributo crítico de todos far-nos-á crescer e dar fruto. Estará aberta ao sonho de poetas e escritores, pensadores e pregadores, jornalistas e contistas, jovens e crianças que queiram pautar-se pela ideia englobante de uma estância acolhedora que a todos abrace no alívio físico e espiritual que o Bom Jesus nos pretende transmitir.

Finalmente...o jornal far-se-á eco de um sério CONVITE: o Bom Jesus do Monte necessita de ser preservado, respeitado e fecundado pela presença construtiva de quantos reconhecem que a manutenção é, por vezes, mais difícil que a mera construção. Que todos saibamos e queiramos integrar a cantata que aqui se pretende continuada e tocada no arranjo harmónico de uma sinfonia de autenticidade.

Para o Jornal do Bom Jesus desejo um futuro auspicioso, cheio de novidade e de verdade.



O Jornal do Bom Jesus é a expressão do despertar de um sonho que a atual Mesa Administrativa da Confraria acalentava há já algum tempo.



Estará aberta ao sonho de poetas e escritores, pensadores e pregadores, jornalistas e contistas, jovens e crianças

Estatuto Editorial do jornal "Bom Jesus do Monte"

1. O "Bom Jesus do Monte" é um jornal de informação geral, sendo a sua fonte principal de notícias tudo o que diz respeito à vida da Confraria do Bom Jesus do Monte.

2. O "Bom Jesus do Monte" é propriedade da Confraria do Bom Jesus do Monte, sendo um jornal de inspiração cristã.

3. O "Bom Jesus do Monte" está ao serviço da Confraria do Bom Jesus do Monte e pretende servir de elo de ligação entre todos os devotos do Bom Jesus do Monte.

4. O "Bom Jesus do Monte" é um jornal de periodicidade trimestral. Tem abrangência predominantemente regional, mas dirige-se para todo o mundo.

5. O "Bom Jesus do Monte" rejeita qualquer forma de opressão e totalitarismos sejam eles de direita ou esquerda. A sua conduta é assente na defesa dos valores da Igreja Católica.

6. O "Bom Jesus do Monte" como jornal de inspiração cristã, condena tudo o que se opõe à vida humana, como seja toda a espécie de homicídio, genocídio, pena de morte, aborto, eutanásia e suicídio voluntário. Rejeita ainda tudo o que viole a integridade humana e ofenda a dignidade da pessoa.

7. O "Bom Jesus do Monte" está ao serviço de uma informação o mais possível verdadeira e objectiva, diversificada dentro daquilo que são as suas fontes de notícia. Está ainda aberto ao pluralismo e à diversidade de opiniões, tendo no entanto por limites os decorrentes da Doutrina da Igreja.

8. O "Bom Jesus do Monte" é um jornal independente de qualquer poder político e económico.

9. O "Bom Jesus do Monte" respeita os princípios deontológicos e ética profissional dos jornalistas assim como a boa fé dos leitores.

Bom Jesus do Monte

Um Jornal, uma voz

Em variadíssimas ocasiões tenho referido que tudo no Bom Jesus está condicionado pela Evangelização. Não descuidamos o turismo nem regateamos esforços para o reconhecimento mundial do nosso património de valor incalculável. Investimos na harmonização dos espaços e numa consciente requalificação de uma instância integradora de uma enorme variedade de espécies. Olhamos para a história que queremos respeitar e encaramos o futuro com esperança e responsabilidade.

Em tudo reconhecemos a centralidade de um santuário com a complementaridade de capelas e arranjos arquitetónicos. Sabemos, porém, que tudo isto encerra uma linguagem que queremos ouvir e ampliar. Tudo nos deveria falar de um Jesus que é bom e que oferece o seu amor personalizado à humanidade como convite para a construção de um mundo marcado e possuído por valores eternos. Pessoalmente, gosto de pensar num Santuário que nos seus diferentes elementos arquitetónicos termina no lugar cimeiro, qual púlpito, do Terreiro dos Evangelistas. Parece que está a dizer-nos que a saga anunciadora terá de continuar a ser interpretada pela Basílica no seu conjunto e pela Confraria em particular.

O aparecimento, agora, de um jornal deverá ter este sentido e finalidade. Muita coisa poderá ser escrita. Tudo deverá aparecer como contributo para que a Igreja, neste tempo de complexidades e enigmas, apareça como uma voz que atrai e motiva para, corresponsavelmente, construir um mundo de solidariedade e justiça. Como poderá acontecer? Há dias o Papa Francisco mostrava um propósito, tantas vezes referido, e apontava os itinerários para o concretizar. "Queremos uma Igreja Profética (diz-se). E que fazer para que a Igreja seja profética? Servem vidas que manifestem o milagre do amor de Deus. Precisam-se de vidas para manifestar o milagre do amor de Deus através da coerência, da oração, do serviço."

O jornal não pode caminhar alheio aos intentos pastorais da Arquidiocese. Terá, por isso, de ter, permanente, uma alusão ao Programa Pastoral, dele fazendo eco e apontando caminhos de concretização. Este ano não poderemos esquecer que pretendemos uma Igreja Sinodal e Samaritana. Caminhamos juntos, em atitude de solidariedade e solicitude fraterna, e comprometemo-nos com a vulnerabilidade da vida humana

estampada em tantas existências, procurando encontrar soluções de ordem material e espiritual. Os conteúdos do jornal deverão, por isso, comunicar notícias de tudo quanto acontece neste santuário mas de um modo interativo onde todos se vão envolvendo nesta causa de propor uma sociedade marcadamente dominada por tudo quanto possa significar a bondade de Jesus. Sabemos que ela não existe em tantas si-



tuações. O mundo é uma negação de um verdadeiro humanismo. Com pequenos compromissos acolhidos por muitos, a sociedade vai-se transformando. Será de mais esperar que surja como uma pedrada no charco que alerta e denuncia, propõe e interpela, sempre na lógica de uma humanidade nova a fazer emergir?

Na lógica da sinodalidade quero augurar que encerre uma variedade muito grande de pensamentos. Haverá uma equipa redatora. Desejo que os leitores interajam e ofereçam propostas para que o Bom Jesus se imponha não só pelo Património mas sobretudo pela mensagem que quer, fiel ao seu passado, oferecer. Não é utópico acreditar que algo de novo poderá acontecer nesta nova aventura da Confraria do Bom Jesus do Monte.

Espero que isso aconteça. A Arquidiocese ficará sempre agradecida.

† Jorge Ortega, A.P.



Tudo nos deveria falar de um Jesus que é bom e que oferece o seu amor personalizado à humanidade como convite para a construção de um mundo marcado e possuído por valores eternos.

Ficha Técnica

Bom Jesus do Monte • Propriedade: Confraria do Bom Jesus do Monte, contribuinte 501132430 • Sede e redação: Bom Jesus do Monte – Tenões 4715-261 Braga • Telefone: 253676636
e-mail: confraria@bomjesus.pt • site: www.bomjesus.pt • Director: Cónego João Paulo Alves • Coordenação: Luís Carlos Fonseca • Colaboração: Dr. Adelino Costa; Cónego Mário Martins
Varico Pereira; Mário Paulo Pereira; Vicente Craveiro Martins; Romão Figueiredo

Solenidade da exaltação da Santa Cruz



No dia 14 de setembro, a Igreja celebra a Festa da Exaltação da Santa Cruz. A Confraria do Bom Jesus do Monte, segundo longa tradição e como o previsto nos Estatutos, celebra solenemente este dia: a Exposição do Santíssimo durante todo o dia, e a Eucaristia da Solenidade da Exaltação da Santa Cruz às 17h00.

1. Um pouco de história.

A data lembra o dia da dedicação das Basílicas sobre o Gólgota e o Sepulcro de Cristo ressuscitado, construídas durante o Império de Constantino e dedicadas no dia 13 de setembro de 335. Neste dia, também se faz memória da vitória de Heráclio sobre os persas em 630, dos quais foram arrebatadas as relíquias da cruz,

solenemente transportadas para Jerusalém.

Segundo manifesta a história, foi em 14 de setembro de 320 que Santa Helena, imperatriz de Constantinopla, encontrou o madeiro em que morreu o Cristo Redentor. No entanto, em 614, a Cruz foi levada pelos persas como um troféu de guerra.

Mais tarde, o Imperador Heráclio recuperou-a e voltou com a Cruz para a Cidade Sagrada no dia 14 de setembro de 628. Desde então, celebra-se liturgicamente esta festividade.

Quando a Santa Cruz chegou novamente a Jerusalém, o imperador dispôs-se a acompanhá-la em solene procissão, mas, vestido com todos os luxuosos ornamentos reais, logo se deu conta de que não era capaz de avançar.

Então, o Arcebispo de Jerusalém, Zacarias, disse-lhe: "É que todo esse luxo que carrega está em desacordo com o aspeto humilde e doloroso de Cristo quando carregava a cruz por essas ruas".

O imperador despojou-se de seu manto de luxo e de sua coroa de ouro e, descalço, começou a percorrer as ruas e pôde seguir a piedosa procissão.

Para evitar novos roubos, o Santo Madeiro foi dividido em quatro pedaços e separados entre Roma e Constantinopla, enquanto o que ficou em Jerusalém foi deixado num belo cofre de prata. Dos quatro fragmentos, foram feitos pequenos pedaços para serem distribuídos em várias Igrejas do mundo, os quais foram chamados de Vera Cruz.

2. Espiritualidade da Exaltação da Santa Cruz.

O mistério celebrado, no entanto, ultrapassa esses fatos históricos. Dentro do plano de Deus, a cruz tomou-se sinal e símbolo do mistério pascal. Depois que o ser humano falhou em sua vocação através do pecado, a vida e a salvação passarão pela morte. Além de ser Senhor do universo na ordem da criação, Jesus, constituído por Deus como Senhor da vida, tomou-se também o primeiro entre os irmãos ressuscitados para todos os que nele creem e procuram realizar o plano de Deus.

Ao celebrarmos esta festa, nós queremos proclamar que é da cruz, sinal do amor universal de Deus, fonte de toda a graça que deriva toda a vida de Igreja. Queremos também manifestar o nosso desejo de colaborar

com Cristo na salvação dos homens, aceitando a Cruz, que a carne e o mundo fizeram pesar sobre nós (G.S. 38).



A Cruz é a expressão suprema do amor de um Deus que veio ao nosso encontro.

A Cruz é a expressão suprema do amor de um Deus que veio ao nosso encontro, que aceitou partilhar a nossa humanidade, que quis fazer-se servo dos homens, que se deixou matar para que o egoísmo e o pecado fossem vencidos. Oferecendo a Sua vida na cruz, em dom de amor, Jesus indicou-nos o caminho para chegar à vida plena.

3. A Cruz na nossa vida.

"A tua cruz senhor é pouco funcional / Não fica bem em nenhum jardim da cidade / dizem os vereadores e é verdade": começa assim Ruy Belo um dos seus magníficos poemas. E para lá da funcionalidade, a cruz de Jesus, entrelaçada com as nossas cruzes, é sempre motivo de interrogação e inquietação. "Porquê? Para quê?", são perguntas que permanecem depois de termos tentado dar respostas (quantas vezes vazias ou ditas de "cor", sem coração nenhum, da lista das respostas religiosamente corretas!) e evocam uma busca de sentido, senão a interrogação pelo próprio Deus. Este e outros poemas estão presentes numa antologia organizada pelo P. José Tolentino Mendonça e por Pedro Mexia, a que deram o nome: "Verbo, Deus como interrogação na poesia portuguesa". Tem sido um dos meus livros de oração nestes tempos!

Amar a cruz seria doentio. Acreditar que Deus gosta do sofrimento talvez uma heresia. Amar as pessoas comporta também cruz e sofrimentos? Sim, e infelizmente muitos deles

somos nós que os inventamos! Custa dar a vida mas só essa dádiva nos faz plenamente felizes. A cruz lembra-nos que o triunfo nem sempre é imediato (três dias no sepulcro, não foi?), que não somos "super-heróis" (e mesmo esses têm sempre um calcanhar de Aquiles!), mas somos chamados a "mais". Mas tantas vezes nos acomodamos



A cruz lembra-nos que o triunfo nem sempre é imediato, que não somos "super-heróis", mas somos chamados a "mais".

a uma "vida menor"! Ruy Belo continuava assim o poema: "E além disso os nossos olhos cívicos / ficam-se nos corpos de que nos cercaste / Saudamos-nos por fora como bons cidadãos / Submetemos os ombros ao teu peso / mas há tantos outros pesos pelo dia / E quando tu por acaso passas / retocado pelas nossas tristes mãos / através dos pobres hábitos diários / só desfraldamos colchas e pegamos / em pétalas para te saudar / Queríamos ver-te romper na tarde / e morrem-nos as pálpebras de sono".

Com ao Bênção do Senhor Bom Jesus do Monte!

Cónego João Paulo Coelho Alves, reitor



Corações ao alto! O Bom Jesus do Monte na ação pastoral da Igreja arquidiocesana



A Arquidiocese de Braga, depois de percorridos os caminhos da fé e lançados os desafios da sementeira da esperança, centra agora o seu programa pastoral na virtude teológica da caridade

“São três estas virtudes... a maior delas, porém, é a caridade” (1 Cor 13, 13). Subimos o escadório e quando já nos aproximamos da Basílica do Bom Jesus, junto à Fonte da Caridade, o coração é-nos saciado com estas palavras do apóstolo Paulo.

Também a Arquidiocese de Braga, depois de percorridos os caminhos da fé e lançados os desafios da sementeira da esperança, centra agora o seu programa pastoral na virtude teológica da caridade, sempre com o propósito de concretizar uma renovação eclesial inadiável, procurando edificar “Uma Igreja Sinodal e Samaritana”, um imperativo que assume particular urgência no contexto das exigências do momento particular que vivemos.

Ora, todo aquele que visita o Bom Jesus do Monte, inebriado pela sua beleza e imponência arquitetónica, é convidado a elevar o olhar. Degrau a degrau contemplará a entrega radical e amorosa de Jesus a caminho do Calvário, nas capelas que evocam as diferentes estações da Via Sacra, para depois fixar os olhos e o coração no alto da Cruz, num momento de oração e intimidade com Cristo ou na celebração da Eucaristia, sentindo-se acolhido e convidado para a Sua festa. Porém, na visita ao Santuário, metáfora dos nossos dias, tecidos de desafios novos agudizados em tempos de pandemia, cada um pode sentir-se, em primeiro lugar, olhado por Jesus, pois “onde há amor há um olhar”.

Por sua vez, este Jesus que nos olha, este “Deus que é amor” (1 Jo 4, 8.16), desafia-nos continuamente a uma renovada perspetiva. Do alto do escadório da caridade divina, nos jardins da alegria de Jesus, sob a sombra e a frescura reconfortante da Sua presença, cada um alcança a capacidade de ver mais além, de ver com o coração, aproximando-se dos irmãos, sobretudo daqueles que mais sofrem, com um olhar pleno de compaixão.

Deste modo, de corações ao alto reeducaremos o olhar segundo a lógica misericordiosa do Bom Samaritano e reafirmar-nos-emos na certeza de que “o nosso caminhar com os outros terá de ser revestido por uma atitude de serviço e doação”, como refere D. Jorge Ortiga na Carta Pastoral dirigida aos sacerdotes no início deste novo ano pastoral.

De corações ao alto poderemos cantar a vida com a mesma melodia que a voz de Mariza fez ecoar nos recantos do Santuário no concerto que em setembro de 2019 celebrou a elevação a Património da UNESCO: “Cremos que a noite sempre se tornará dia e o brilho que o sol irradia há de sempre nos iluminar”... Porque “o melhor de nós” e da Igreja que somos “está pra chegar”!





Basílica do Bom Jesus

O templo atual vem substituir o anterior, concebido em vida de D. Rodrigo de Moura Teles, demolido em 1788. Este prelado bracarense contribuiu para o engrandecimento da estância, custeando uma nova Igreja, segundo um projeto do arquiteto Manuel Pinto de Vilalobos, que se situava no largo do Pelicano.

Este pequeno, elegante e circular templo de estilo italiano, renascentista, de arquitetura perfeita, era uma construção elipsoidal, de forma arredondada, com oito pilastras salientes em contraforte. As obras do templo foram dadas como concluídas em 1725. Sob a cornija, uma alta e rendilhada varanda de pedra, com oito anjos de grande estatura assentes no peitoril. O mapa de Carlos Amarante (sem o último lanço do escadório, com o templo de D. Rodrigo sustentado

com escoras) ajuda a localizar a respetiva Igreja, entre o Escadório das Virtudes e a fonte do Pelicano, numa linha de evolução da arquitetura barroca, com o abandono das plantas de cruz latina e adoção dos planos circular ou elítico, denunciando a estrutura setecentista do santuário. Carlos Amarante, na legenda do mapa, descreve o templo de D. Rodrigo: «*Acha-se em ruína e sem remédio, Na capela-mor está o calvário, e nele o Bom Jesus Crucificado, Maria Santíssima, a Santa Maria Madalena abraçada na Cruz, o Evangelista, as Marias, Longuinhas, vários soldados e dois jogando a túnica, num altar colateral, além de muitas e preciosas relíquias, engastadas em meios corpos, está a cruz do Santo lenho e o corpo organizado do mártir S. Clemente*».

O atual santuário, da autoria do genial arquiteto bracarense Carlos Amarante, é um significativo exemplar e uma das primeiras edificações do neoclássico português.



A primeira pedra foi lançada no dia 1 de junho de 1784, no tempo do pontificado do arcebispo-príncipe D. Gaspar de Bragança

A primeira pedra foi lançada no dia 1 de junho de 1784, no tempo do pontificado do arcebispo-príncipe D. Gaspar de Bragança, devido à benevolência do bracarense Pedro José da Silva, que colocou

a última pedra do templo em 20 de setembro de 1811, mas cuja sagração ficaria reservada para 10 de agosto de 1857. O local foi escolhido pelo arcebispo D. Gaspar de Bragança, por detrás da Igreja velha e num plano imediatamente superior. Na sessão de mesa da confraria do dia 1 de julho de 1781, indicam-se, claramente, os motivos da construção da nova Igreja: porque a anterior capela prometia pouca duração; as paredes não aguentavam a abóbada; não cabem todos os romeiros que acorrem ao santuário por causa do jubileu; não oferece ao povo que vem àquele santuário a vista e é incómoda aos peregrinos.

A fachada, de arquitetura singular, caracteriza-se pelas linhas sóbrias, por superfícies lisas, onde o classicismo dos

frisos e molduras se prolongam nos corpos laterais, um pouco recuados.

Junto à porta principal ressaltam, lateralmente, dois nichos de volta perfeita, encimados de frontais triangulares, no interior dos quais se encontram duas estátuas monolíticas dos profetas da paixão Jeremias e Isaías, que foram modeladas e concebidas por Manuel Joaquim Álvares e Sousa Alão (um dos mestres de São Francisco do Porto). Este escultor é, igualmente, autor das estátuas dos quatro evangelistas do varandim da fachada do templo.

A fachada rebocada e pintada de branco é percorrida por socos em cantaria, flanqueados por cunhais apilstrados e rematadas por duplos frisos e cornijas com pináculos, em forma de fogaréus no transepto e lanternim. Na fachada principal vislumbram-se três panos, as três ordens clássicas da arquitetura, assim definidos:

– no registo inferior, que vai até ao entablamento, sobressai um pórtico neoclássico



Na fachada principal vislumbram-se três panos, as três ordens clássicas da arquitetura

franqueado por quatro majestosas colunas toscanas, dóricas, de granito, que sustentam uma varanda e seus plintos. No primeiro corpo, rasgam-se duas janelas, por cima das quais outras tantas lápides de mármore, dedicadas pela cidade de Braga ao arquiteto Carlos Amarante e a da direita a Pedro José da Silva, grande impulsor desta obra;

– no registo seguinte, no segundo corpo, quatro janelas elegantes rasgam a fachada à altura da varanda tendo ao centro um grande janelão, com bandeira semicircular. Quatro pilastras jónicas com fustes lisos alternam com o janelão e as duas janelas centrais. Nas quatro colunas assenta uma varanda balaustrada, sobre a qual

estão as esculturas dos quatro Evangelistas com os respetivos símbolos, modeladas por Manuel Joaquim Álvares de Sousa e executadas por José Domingues: S. Marcos representado por um leão; S. Mateus por um anjo; S. Lucas por um touro e S. João por uma águia;

– no registo superior, onde predomina a ordem coríntia, surgem as torres sineiras, ligeiramente recuadas, com coberturas em coruchéus bolbosos, com altos campanários ou ventanas e cúpulas de arquitetura elegante e recorte barroco que contraria a horizontalidade da fachada. A torre esquerda com um jogo de sinos



Figura, ainda, na frontaria do templo o brasão real de D. João VI, que concedeu ao santuário honras e prerrogativas das misericórdias

oferecidos pelo benfeitor Pedro José da Silva, a torre direita com os sinos do templo de D. Rodrigo, entretanto demolido. Este terceiro corpo da fachada remata em frontão triangular, com denticulos na empena, friso liso, singela cruz latina sobre o vértice, evocando o culto ancestral. Do tímpano ressaltam os símbolos da paixão, as escadas do descimento da cruz, no centro um escudo com as cinco chagas, tenazes, chicotes, cordas, martelo, espada, coroa de espinhos, palmas e o símbolo de Roma (SPQR, que quer dizer o Senado e o Povo Romano).

Figura, ainda, na frontaria do templo o brasão real de D. João VI, que concedeu ao santuário honras e prerrogativas das misericórdias e o tomou sob a sua «*Real e Imediata Proteção*», por alvará de 29 de julho de 1822, figurando, por esta razão, o seu retrato na galeria dos benfeitores do santuário.

Guia do Bom Jesus,
Varico Pereira e José Carlos Peixoto

Horário Basílica

FUNCIONAMENTO

Horário de Verão

– Todos os dias das 08h00 às 19h00

Horário de Inverno

– Todos os dias das 08h00 às 18h00

EUCARISTIAS

– Segunda a Sexta-feira: 17 horas;

– Sábado: 08 horas;

– Domingo: 08 horas, 11 horas e 17 horas;

REITORIA

– Segunda-feira: 15h00–16h45;

– Quarta-feira: 15h00–16h45;

– Sexta-feira: 15h00–16h45;

CONFISSÕES

– Terça-feira: 15h30–17h00

– Quinta-feira: 15h30–17h00

– Sábado: 09h00–11h00

MARCAÇÃO DE BATIZADOS, CASAMENTOS, BODAS

– Segunda a Sábado:

09h00–12h00 e 14h30–17h00

ADORAÇÃO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

– Primeiros Domingos dos meses de Outubro a Junho – 15h00 às 17h00

Informações

VISITAR A BASÍLICA EM TEMPO DE COVID-19

Ao visitar a Basílica pedimos a todos o cumprimento das regras em vigor, com base nas indicações da Direção Geral de Saúde:

– A entrada é feita pela porta lateral esquerda (lado da capela), sendo a saída feita pela porta lateral direita;

– É obrigatório o uso de máscara no seu interior;

– Deverá desinfetar as mãos à entrada;

– Manter a distância de 2m entre pessoas;

– Seguir as indicações;

– Para rezar ou permanecer parado no interior deverá ser só nos lugares que contenham o dístico verde “sentar”. Os restantes espaços livres servem para circulação, evitando-se o cruzamento entre pessoas;

– Só é permitida a permanência no máximo de de 3 pessoas no interior da capela do Bom Jesus do Monte;

VISITAS À BASÍLICA PARA GRUPOS DE TURISMO/ OPERADORES TURÍSTICOS MEDIDAS DE SEGURANÇA - COVID'-19

Para uma melhor organização das visitas de grupos organizados/turismo, no cumprimento das indicações da DGS com o objetivo de gerir melhor a afluência de visitantes ao interior da basílica, as entidades/empresas operadoras turísticas que pretenderem programar visitas à Basílica do Bom Jesus do Monte deverão ter em conta as seguintes indicações:

– Deverão efectuar marcação da visita por email: basilica@bomjesus.pt; indicando o número de pessoas e a hora a que pretendem fazer a visita. A marcação está sujeita a confirmação pelos serviços da Basílica;

– O número máximo de pessoas de cada grupo permitido no interior da basílica é de 16 pessoas (incluindo o Guia);

– A entrada é feita pela porta lateral esquerda (junto à capela e a saída é feita pela porta lateral direita(sacristia); A porta principal está encerrada;

– Caso pretendam também visitar a capela do Bom Jesus do Monte situada no interior da Basílica, o número máximo permitido é de três pessoas;

– À chegada do grupo, antes de efectuarem a visita, o Guia/responsável deverá dirigir-se ao funcionário de serviço da Basílica para dar conhecimento da sua presença para receberem indicações para a visita;

– Para entrar na basílica deverão usar máscara e desinfetar as mãos;

– Deverão manter o distanciamento de segurança entre pessoas, seguindo as indicações colocadas no chão;

– Para fotografar/rezar, ou para receberem indicações do guia, os visitantes deverão ocupar um lugar com o autocolante verde (sentar), podendo o guia permanecer em pé;

– Na saída do grupo, deverão evitar ajuntamentos, mantendo-se todos com o devido distanciamento.

– Caso o grupo seja de mais de 16 pessoas o grupo terá que se dividir. O grupo seguinte só deverá entrar quando o primeiro já tiver saído do interior da Basílica.

Agradecemos a todos a compreensão de forma a acolher todos que nos visitam da melhor maneira, sobretudo com segurança e tranquilidade.



A mesa da ceia
está coberta de alimentos,
com o pão e o cálice no centro do painel,
abrindo caminho para a vida eterna



Capela da Última Ceia

As capelas, construções sólidas e elegantes, são um convite à ascensionalidade. Esta multiplicidade de capelas devocionais enche-se de cenários, através da pintura e imaginária, com uma intenção ornamental e uma linguagem catequética e pedagógica, motivando os crentes a viverem de forma intensa a «teatralização» da Paixão de Cristo, através de uma mensagem mística, apologética e alegórica. Em cada uma delas somos convidados a integrar a cena, com o auxílio de cenários em tamanho natural.

Nos finais do século XIX, altura em que o santuário sofreu profundas obras de remodelação, quase todas as capelas foram alteradas, bem como os seus conjuntos escultóricos, à exceção das capelas da Última Ceia, Horto e Ressurreição.

O Bom Jesus, sem contar com a Basílica, é constituído por dezanove capelas dispostas irregularmente pela encosta deste monte (antigamente denominado de Monte de Santa Cruz) e ligadas entre si por graciosos e monumentais lanços de escadas. Catorze capelas

encerram os passos, o percurso e as cenas da Paixão e da Morte representados por grupos escultóricos e as últimas cinco relacionadas com a vida gloriosa e o triunfo da Ressurreição.

Devido às diversas reconstruções e ampliações a ordem das capelas não é exata tendo em conta, obviamente, a ordem lógica da via dolorosa, o melhor exemplo diz respeito à capela da Ascensão que deveria ser a última.

Após passar o pântico, os encurvamentos da escadaria são marcados por capelas que representam episódios da vida e paixão de Cristo. As figuras, quase de tamanho natural, são dadas com ingénuo realismo e acentuada intenção dramática.

No lanço inicial da escadaria encontram-se as primeiras capelas quadrangulares da via-sacra, com coberturas a quatro águas, tendo acesso por portal em arco de volta perfeita e rasgadas, nas fachadas laterais, por óculos. A primeira é a capela da Última Ceia, representa o cenáculo, datada do início do século XVIII, do lado sul, de planta quadrada, e



19

O Bom Jesus é constituído por dezanove capelas

Esta é a capela da primeira Missa. A partir desta os apóstolos e seus sucessores celebrarão até ao fim dos tempos, cumprindo o mandato do Senhor. No interior, o Bom Jesus está sentado à mesa com os 12 apóstolos, no ato da instituição do Santíssimo Sacramento da Eucaristia, mistério central que fundamenta a fé, depois de Ihes ter lavado os pés num gesto de muito amor e profunda humildade. Ao seu lado esquerdo o Apóstolo e Evangelista S. João, reclinado sobre o peito, e na extremidade da mesa Judas, o traidor.

A mesa da ceia está coberta de alimentos, com o pão e o cálice no centro do painel, abrindo caminho para a vida eterna.

Sobre a porta em arco, uma inscrição relativa ao passo representado: «CAENA FACTA ACCEPTIT IESUS PANEM ET AIT: COMEDITE HOC EST CORPUS MEUM», que quer dizer «Acabada a ceia, Jesus tomou o pão e disse: Comei, isto é o meu corpo».

cúpula em forma de pirâmide quadrangular. Alberga, ainda, as esculturas do figurado primitivo e ostenta pendente da cornija o brasão do seu fundador D. Rodrigo de Moura Teles.

Santuário do Bom Jesus do Monte: Património Mundial da UNESCO

A candidatura do Santuário do Bom Jesus do Monte, em Braga, a Património Mundial da UNESCO, começou a ser pensada em 1998 e iniciou os trâmites formais, em 2011. O processo alcançou o sucesso em 2019. Foi inscrito na Lista do Património Mundial da UNESCO, durante a 43ª sessão do Comité do Património Mundial, em Baku, República do Azerbaijão, a 7 de julho de 2019, como paisagem cultural. O critério de inscrição foi o (iv): O santuário do Bom Jesus do Monte é um exemplo extraordinário de um monte sagrado com uma monumentalidade sem precedentes determinada por uma narrativa completa e elaborada da Paixão de Cristo de grande importância para a história da humanidade. Ela incorpora traços que identificam o catolicismo romano, como a externalização da celebração, o senso de comunidade, a teatralidade e a vida como jornada permanente e inesgotável.

Este processo consistiu em sublinhar a “integridade e autenticidade do bem”, a sua forma e design que, apesar da diversidade estética natural de cada época, apresenta-se como uma “peça harmoniosa”. O processo também destaca a estrutura formal, incluindo o monumental escadório barroco e a Basílica, que está ligada a uma densa narrativa religiosa, e sublinha ainda a existência de um conjunto de instalações hoteleiras harmoniosamente bem localizadas no local.

A inscrição do Santuário do Bom Jesus na Lista do Património Mundial da UNESCO marca de forma decisiva o futuro e a sustentabilidade deste local e acarreta uma grande responsabilidade na gestão do Bem.

O estado geral de conservação é bom. Recentemente foi

realizado um projeto de requalificação do património (Bom Jesus: Requalificar II), nomeadamente através da conservação e restauro do interior da Basílica, de seis capelas da Viae Crucis, incluindo as suas esculturas e murais exteriores e interiores, e o escadório do Pórtico. As unida-



A inscrição do Santuário do Bom Jesus na Lista do Património Mundial da UNESCO marca de forma decisiva o futuro e a sustentabilidade deste local.

des hoteleiras e restantes equipamentos à volta do Santuário, como o funicular, Casa das Estampas e Colunata de Eventos, passaram recentemente por obras de restauro e conservação, portanto, estão em bom estado de conservação. O parque e a mata também se encontram em bom estado geral de conservação, exceto em algumas das áreas mais íngremes, a presença de árvores mais velhas.

A propriedade é autêntica em termos de localização, configuração, forma e design, materiais e substância e tem uma atividade religiosa contínua.

A Confraria do Bom Jesus é a entidade responsável pela gestão do património cultural e do culto religioso. A gestão é feita de forma ecuménica, visto que o espaço é gerido



Este processo consistiu em sublinhar a “integridade e autenticidade do bem”.

simultaneamente como local religioso e como espaço dedicado às artes, cultura e turismo. Entendemos que apenas através da convivência pacífica entre estas realidades pode ser possível uma gestão sustentável, sem deteriorar os seus ativos tangíveis e intangíveis.

Os objetivos gerais do plano de gestão são preservar e valorizar os atributos do Santuário do Bom Jesus do Monte em Braga, de forma a garantir a manutenção do seu Valor Universal Excepcional, tendo em consideração os critérios de inscrição na Lista do Património Mundial e a declaração de Integridade e autenticidade e definir práticas sustentáveis de gestão, manutenção e uso do Santuário, parque e mata.

Objetivos do Plano de Ação:

- a conservação do património cultural e natural;
- a melhoria do acesso ao santuário e qualificação da visita;
- reforço da governança do santuário;
- promoção da participação da comunidade local;
- preparação de um programa cultural e turístico.

A inscrição de Bom Jesus na Lista do Património Mundial da UNESCO levou a Confraria do Bom Jesus e o Estado português a assumirem um conjunto de compromissos, para garantir a sustentabilidade da propriedade a longo prazo.

Porquanto, a UNESCO definiu um conjunto de recomendações:

- i. Melhorar a documentação, fixando o inventário de elementos do património e arquivando todo o tipo de documentos, melhorando o plano de ação para incluir todas as obras atualmente em andamento e as que estão a ser planeadas, e melhorar as ligações institucionais entre os dois municípios (Braga e Guimarães) e outras partes

interessadas para a prevenção de incêndios e combate a incêndios;

- ii. Finalizar o processo de classificação de todo o local como Monumento Nacional;

- iii. Assegurar financiamento para realizar trabalhos de conservação planeados no futuro em tempo útil;

- iv. Complementar o planeamento de gestão para controle de visitantes, inclusive dentro do parque;

- v. Desenvolver indicadores de monitorização adicionais para abordar as ameaças identificadas à propriedade (incluindo a mata), monitorizar e abordar as ameaças potenciais à propriedade, tais como expansão / desenvolvimento urbano e impactos dos visitantes;

- vi. Compromisso firme e preciso quanto ao momento de retirada da esplanada;

- vii. Desenvolver um estudo mais completo e detalhado sobre a compreensão das plantas existentes que complementam os atributos da paisagem com base neste trabalho, e usar essas informações para atualizar o planeamento de gestão da paisagem.

Neste acompanhamento, será apresentado ao Centro do Património Mundial, até ao dia 1 de dezembro de 2021, um relatório sobre a implementação das recomendações acima mencionadas, que será analisado por aquele organismo internacional na 45ª sessão (2021).

A Confraria do Bom Jesus reconhece o excepcional valor cultural e natural deste bem patrimonial e tem vindo a defender a gestão contínua do imóvel ao longo de quase quatro séculos de forma a garantir a sua conservação e valorização e assim continuará.

RECORTES IMPRENSA



ESTÂNCIA DO BOM JESUS

A Estância do Bom Jesus do Monte inaugurou no dia 7 de julho de 2020, dia do primeiro aniversário da Inscrição na Lista de Património Mundial da Unesco, mais dois motivos de visita: o Espaço Museológico do Coro Alto e a Torre Sineira. As visitas ao Coro Alto e Torre Sineira podem ser feitas no verão entre as 8 horas e as 19 horas e no inverno entre as 8 horas e as 18 horas exceto nos momentos das celebrações litúrgicas e outros serviços religiosos.



Torre Sineira

O Santuário do Bom Jesus tem aberto ao público uma das torres sineiras da Basílica que foi totalmente renovada e de onde se obtém uma vista magnífica sobre a cidade de Braga.

Um ano após a classificação da Estância como património da humanidade pela Unesco, o Bom Jesus disponibiliza este novo miradouro. A celebração do 1º aniversário da inscrição do Bom Jesus na lista de património Mundial da Unesco ficou marcada por um momento em que foram tocados os sinos da Torre Sineira que foi requalificada.



Coro Alto

O Espaço Museológico no Coro Alto reúne um conjunto de sinos, paramentos e objetos litúrgicos, resultado do Inventário realizado aquando do projeto Bom Jesus requalificar II.

Centro de memórias

A Confraria inaugurou o Centro de Memória, inserido no projecto "Requalificar II". Este é um espaço que integra toda a documentação escrita e visual da história do Bom Jesus disponibilizado a todos quantos nos visitam e que permite compreender melhor o Bom Jesus, criando também as condições necessárias para quem queira investigar o Bom Jesus do Monte. As visitas Centro de Memória podem ser feitas das 10 horas e as 12 horas e das 14 horas às 17 horas



Outras estórias oficialmente desconhecidas

Solicitou-me a Confraria do Bom Jesus que participasse com as estórias por mim contadas nas diversas visitas guiadas que faço com grupos de crianças das escolas, no jornal que em boa hora se propõe publicar. Escrever sobre o Bom Jesus do Monte é fácil para aqueles que tem o dom da escrita e são exímios na arte literária, mas não para mim. Assunto e matéria não faltaram a grandes vultos da nossa literatura que visitando a Estância se deixaram envolver pela mística fascinante deste lugar de oração bordado a granito cerzido de verde que nos desperta os sentidos e nos sacia a alma. Da maravilha que os extasiou souberam esses grandes vultos da nossa literatura, contar a história, romancear e fazer verso.

Não tendo eu esses dotes, nem sendo bafejado pelas musas ou pelas Tágides de Camões, tenho em mim estórias do povo, desse povo desconhecido que não consta de actas da Confraria, nem tem o seu nome oficialmente gravado nas placas comemorativas, mas que está gravado em suor e por vezes sangue nas pedras com que cinzelou o Santuário. Esse povo que com fé depositada aos pés do Senhor do Monte criou histórias e inventou lendas para explicar o que desconhecia ou para dar sentido ao que não entendia. São essas estórias e lendas que bebi desde tenra idade que quero aqui deixar se, como dizia o poeta para isso tiver engenho e arte.

E porque é sempre conveniente começar pelo princípio nada melhor que iniciar por uma questão que ainda hoje é muitas vezes colocada: Como surgiu o Santuário do Bom Jesus do Monte?

Pois a lenda popular, baseada em factos reais, já que uma lenda tem sempre algo de verdadeiro, diz assim:

Por aqueles dias, Braga vestiu-se de festa. Das gelosias das janelas abertas de par em par, pendiam bandeiras debruadas por luminárias. Esperava-se a chegada triunfante do Arcebispo D. Gonçalo Pereira, vindo de terras de Espanha, onde por sua iniciativa tinham sido derrotados os reis de Granada e Marrocos, nas margens do rio Salado.

Surgiu o Arcebispo no Monte das Penas, naquela tarde de Dezembro, montado a cavalo, acompanhado de seu filho sacrílego Álvaro Gonçalves Pereira, prior do Crato, ladeado por Gonçalo Gomes de Sousa e o jovem Gonçalo Correia de Azevedo arvorando o estandarte real com a vermelha cruz. Quis Gonçalo Pereira que a bandeira com a cruz assumisse a frente do cortejo na entrada das muralhas da cidade dirigindo-se à Sé onde foi cantado um Te Deum.

Aquilo tinha sido um milagre do céu. A desproporção das forças em confronto na batalha era de tal ordem, que só a protecção da Cruz, à qual se abrigaram os portugueses, lhes poderia ter dado a vitória. Por isso, depois do cerimonial da Sé, o Arcebispo e as forças que o acompanhavam saíram em direcção ao monte de Espinho, onde se encontrava içada uma singela cruz de pedra, à qual os bracarenses, desde há muito tempo, dispensavam a sua devoção. Quis, desta forma, cumprir a promessa que havia feito no campo de batalha no momento de maior peleja: se ganhassem a batalha, entrados em Braga, subiriam a Santa Cruz do Monte, em agradecimento, e ele próprio construiria uma capelinha para albergar a Cruz de pedra aí existente. A partir daqui cresceu a maior devoção das gentes de entre-Douro-e-Minho.

O Bom Jesus do Monte

Periódico Religioso, Turístico e Social

Um Jornal idealizado em 1956

É este o título de um periódico que poderia muito bem apresentar no seu frontispício uma medalha de sexagenário.

Por entre diversos documentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa, surge, a partir do espólio do Serviço Nacional de Censura, o processo nº 871, referente a um jornal idealizado pela Real Confraria do Bom Jesus do Monte, a partir do já longínquo ano de 1956.

“O Bom Jesus do Monte” assumia-se como um difusor mensal, com tiragem de 2000 exemplares, dedicado ao culto do Bom Jesus, ao seu santuário e à estância que circunda todo o monte sacrossanto. Pretendia, como a ata de 17 de abril indica, “... suprimir uma falta que se vem notando de propaganda da Estância e também para que se difunde e promova o fervor e fé no Bom Jesus do Monte...”. Pretendia, de igual forma, ser um testemunho físico com uma identidade própria que permitisse relatar os diversos acontecimentos na capital do Minho e seus arredores. A partir do despacho de 11 de fevereiro de 1957, estava oficialmente autorizada a sua publicação, ficando a sua direção a cargo do Cónego Dr. José Martins Gonçalves, Presidente da Mesa da Confraria, e a edição sob a tutela do Cónego António de Castro Mouta Reis, Reitor do Santuário.

A edição teria lugar na sede administrativa, rua do Souto, nº 21, antigos escritórios da Confraria. A impressão, num formato 0.43 cm por 0.30 cm, ficaria a cargo da “Oficina Tipográfica de Augusto Costa & Companhia Lda.”, sediada no Largo Barão de São Martinho, nº 37, Braga.

Dadas todas as garantias

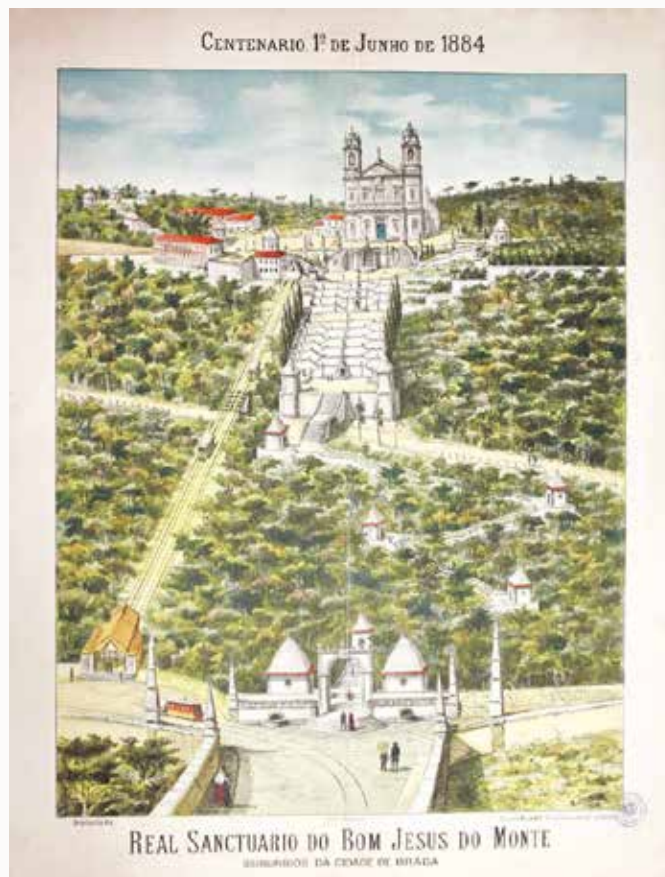


“O Bom Jesus do Monte” assumia-se como um difusor mensal, com tiragem de 2000 exemplares, dedicado ao culto do Bom Jesus, ao seu santuário e à estância.

bancárias que asseguravam a perenidade do projeto, surge, a 9 de janeiro de 1958, a tomada de posse da nova mesa administrativa, da qual não constava, entre outros elementos, o Cónego António Castro Mouta Reis, Reitor do Santuário e responsável pela edição do jornal. O lugar vacante é assumido pelo Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, novo ministro de culto e responsável pela biblioteca e museu.

Em sessão de 4 de março de 1958, o Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha propunha alterar o formato do mensário para um periódico de carácter único e exclusivamente religioso e assim “... desprender-se de qualquer censura oficial”. Sugeria ainda alterar o nome do jornal para “O Senhor do Monte”, designação corrente e mais utilizada pela população daquela altura.

Na sequência das alterações acima descritas e de outras vicissitudes e prioridades de intervenção no património existente, nomeadamente nos hotéis, lago e mata, depreende-se que a nova mesa administrativa



cessaria a edição e impressão do periódico, formalizando o pedido de suspensão do periódico aos Serviços Nacionais de Censura através de um ofício datado de 27 de agosto de 1958.

Eis que, mais de meio século transposto, surge agora



Mais de meio século transposto, surge agora a continuidade deste projeto como testemunho desejado do passado, que se propõe a promover a Pastoral, o Turismo, o Património Histórico, material e imaterial.

a continuidade deste projeto como testemunho desejado do passado, que se propõe a promover a Pastoral, o Turismo, o Património Histórico, material e imaterial, valências integrantes do Santuário e respetiva Estância, sem descurar o regionalismo e o país em que se enquadra. Esta é, assim, a missão primordial da Confraria: imortalizar a obra “valerosa” dos nossos antepassados, cunhada na pedra edificada, partilhando um pouco desta identidade singular, Património Mundial da Unesco, com os entusiastas do turismo histórico-religioso, através desta voz periódica impar.

Hotéis do Bom Jesus

“Passado presente”

Profundamente ligados ao turismo religioso, as origens dos hotéis do Bom Jesus remontam ao século XVIII, funcionando como “quartéis” para os peregrinos pernoitarem. Em 1882, Manuel Joaquim Gomes ficou com a concessão do Hotel do Elevador e viu, na altura, uma oportunidade na área do turismo. Foi a partir daí que esta estância começou a ter uma grande conotação turística e se começou a desenvolver a hotelaria de forma a ter as condições necessárias para receber os peregrinos. Numa perfeita harmonia entre a hotelaria e a componente cultural e religiosa. Atualmente todos os anos, passam cerca de 1,2 milhões de pessoas pelo Bom Jesus. O ter sido atingido o objetivo, perseguido durante cerca de 20 anos, de ser Património Mundial da Humanidade, vai certamente catapultar este número de visitantes e harmonizar ainda mais a componente cultural e religiosa com o vertente turística.

Hoje em dia em termos de hotelaria, os maiores clientes são, maioritariamente, nacionais, cerca de 40% da taxa de ocupação. Contudo, houve um crescimento dos turistas espanhóis, ingleses, italianos e franceses representando estes cerca dos 60% das taxas de ocupação. Tendo sido estes os responsáveis pela internacionalização do Bom Jesus como destino turístico. Com a ascensão económica e o crescimento do número de cristãos em países como o Brasil e Coreia do Sul tem também havido uma maior procura do Bom Jesus, por parte deste tipo de turistas. Serão estes certamente os clientes emergentes para os próximos anos.

A funcionar como uma estância integrada a partir de



1882, os Hotéis do Bom Jesus são hoje constituídos pelo Hotel do Elevador, o Hotel do Lago, o Hotel do Parque, o Hotel do Templo, a Colunata Eventos, o Hotel João Paulo II e a Hospedaria do Convento de Tibães.

As mudanças dos últimos 50 anos, fizeram com que os hotéis comessem a ter uma grande preponderância na estância, passando a ter outro tipo de turismo que não apenas o religioso. Hoje, no Bom Jesus,

faz-se todo o tipo de turismo, desde lazer, negócios, passando também pelo de natureza e de desporto. Em 2002 foram feitas remodelações no Hotel do Templo, no Hotel do Lago e na Colunata de Eventos. Em





2014 fizeram-se obras profundas no Hotel do Parque.

Os últimos 20 anos, tem sido feito um grande investimento entre a Confraria e os Hotéis do Bom Jesus no sentido de remodelar estes espaços com o objetivo último do Bom Jesus ser Património Mundial da Humanidade.

Neste momento, ainda é necessário continuar estes investimentos. Nomeadamente a remodelar os Hotéis do Templo e o do Elevador, a "Casa dos Correios" e a receção do funicular. Continuaremos a envidar todos os esforços para potenciar o Bom Jesus como local de culto, cultural, com uma hotelaria de referência, no sentido captar mais turismo, pretendemos que vejam Braga como um destino turístico apelativo.

Os Hotéis do Bom Jesus

Para além dos hotéis no Bom Jesus existem outras unidades

hoteleiras, em Braga, que foram absorvidos por este grupo "Hotéis do Bom Jesus, S.A.". Como o já referido Hotel João Paulo II, no Sameiro (propriedade da Confraria de Nossa Senhora do Sameiro) e a Hospedaria do Convento de Tibães, propriedade do Estado Português. Bem como iremos inaugurar um Hotel no Porto em Março de 2022. Neste momento, os hotéis do Bom Jesus conseguem empregar cerca de 80 colaboradores. Neste sentido, este grupo tem uma grande importância a nível social. A cadeia de hotéis está a crescer não só com o intuito de ajudar através da criação de empregos, mas também com o objetivo de potenciar o património, não só da Arquidiocese de Braga, mas também de outras Dioceses do nosso País.

Mário Paulo Afonso Pereira
Presidente do CA dos Hotéis do Bom Jesus, S.A.



Horários e Preços

Secretaria

Horário:
9H00 às 13H00 e das 14H00 às 18H00

**Casa das Estampas
Recordações**

Horário:
Verão: 9H00 às 20H00
Inverno: 9H00 às 18H00

Funicular

Horário:
Verão: 9H00 às 20H00
Inverno: 9H00 às 13H00
e das 14H00 às 18H00
Preço bilhete – 1 viagem – 1,50€
2 viagens (ida e volta) – 2,50€

Coro alto e Torre Sineira

Horário:
Verão: 8H00 às 19H00
Inverno: 8H00 às 18H00
Preço visita Torre – 1,00€

Barcos

Horário:
9H00 às 19H00
Preço bilhete – 1,50€ (15 minutos) pessoa

**Centro Exposições
Cónego Cândido Pedrosa**

Horário:
10H00 às 12h00 e das 14H00 às 17H00

Parque Automóvel

Preço bilhete entrada
Viaturas ligeiras – 1,00€
BUS até 29 pax – 10,00€
BUS + de 29 pax – 15,00€

Monóculo

Preço – 1,00€

Concurso
de Fotografia

Bom Jesus na Objetiva de...



PARTICIPA!



REGULAMENTO DO CONCURSO O BOM JESUS NA OBJECTIVA DE...

Este concurso tem carácter exclusivamente cultural e educativo, não estando subordinado a qualquer modalidade de sorte.

1. O Concurso tem início em 14/09/2020, às 12h00 e encerramento em 01/12/2020, às 24h00.

2. O presente concurso está aberto a todas as pessoas.

3. Para participar, tira uma fotografia da estância do Bom Jesus do Monte e envia para confraria@bomjesus.pt.

4. As fotografias serão avaliadas por um júri constituído pelos seguintes membros: Varico Pereira, Mário Paulo Pereira e Luís Carlos Lopes da Fonseca.

5. O apuramento do vencedor do concurso será feito até ao dia 15/02/2021, em local onde não será permitida a entrada e/ou o acesso de participantes e/ou terceiros interessados.

6. Na edição n.º 2 do jornal BOM JESUS DO MONTE SERÁ PUBLICADO OS VENCEDORES E A FOTOGRAFIAS VENCEDORAS.;

7. As fotografias vencedoras poderão ser utilizadas ao critério do jornal BOM JESUS DO MONTE, e o vencedor selecionado receberá como prémio: UMA ESTADIA EM REGIME DE ALOJAMENTO E PEQUENO ALMOÇO para 2 pessoas NO HOTEL DO PARQUE

8. A entrega dos prémios aos respectivos vencedores, ocorrerá, no dia 15 de março 2021 pelas 15h00 no Hotel do Parque.

9. A perda do direito ao prémio ocorrerá na hipótese de os participantes vencedores não o reclamarem no prazo de 30 (trinta) dias a contar da divulgação dos vencedores.

10. Ao inscrever-se neste Concurso, o participante declara que está de acordo com todos os termos deste Regulamento e autoriza, incondicionalmente, que a Confraria do Bom Jesus do Monte venha a utilizar as fotos, livre e gratuitamente,

pecuniário cedendo integralmente os direitos das fotografias à Confraria do Bom Jesus do Monte;

11. Toda e qualquer situação não prevista neste Regulamento, bem como eventuais casos omissos, serão decididos, exclusivamente, pelo promotor do concurso;

12. O promotor deste Concurso reserva-se ao direito de, a seu exclusivo critério, alterar os termos deste Regulamento, informando previamente os participantes visando sempre assegurar a legalidade do concurso;

13. O presente Regulamento poderá ser alterado e/ou o Concurso suspenso ou cancelado, sem aviso prévio, por motivo de força maior, ou por qualquer outro motivo que esteja fora do controle do seu promotor e que comprometa a realização do Concurso, de forma a impedir ou modificar substancialmente a sua condução como originalmente planeado;

14. A participação neste Concurso implica na aceitação total e restrita de todos os itens des-